

# O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS: ALGUMAS DISCUSSÕES E POSSIBILIDADES

---

### **Joceneide Cunha dos Santos**

(UNEB) - Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe, mestra e Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia

### **Jairo Viana de Castro**

(UFS) - Mestre em Ensino e Relações Étnico- Raciais

### **Aline Najara da Silva Gonçalves**

Especialista em História da Cultura Afro-brasileira, mestra em Estudos de Linguagens (UNEB) e doutoranda em História Social na UFRRJ

Este capítulo traz alguns dos debates que ocorreram no simpósio temático intitulado “O ensino de história da África e de cultura afro-brasileira nos diversos espaços educacionais: discursos, possibilidades e desafios”, ocorrido V SINTEPE – Simpósio de Integração e Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Campus XVIII. <https://Sintepeuneb18.wixsite.com/sintepe18>. plataforma: TEAMS. Evento virtual.

exposições de professoras e professores, de alunas e alunos de licenciaturas no V SINTEPE (Simpósio de integração de ensino, pesquisa e extensão). Ressaltamos que o evento ocorreu de forma virtual, devido à pandemia do covid-19. Através dos diálogos e as reflexões, percebemos como as universidades estão preparando seus acadêmicos para atuarem no cotidiano da sala de aula do ensino básico, bem como professores tem pensado o ensino de história da África e da história da cultura afro-brasileira, evidenciando grandes avanços no pensar suportes pedagógicos que contribuem para a implementação da lei 10639/03. Alunas, alunos e professoras elencaram importantes ferramentas, para o ensino e aprendizagem escolar, tecnologias para construção, divulgação e acesso as epistemologias, com maior destaque para ensino de história da cultura afro-brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino, Cultura afro-brasileira e História da África.

**RESUMO:** Este capítulo tem como objetivo apontar algumas epistemes, experiências compartilhadas em um simpósio através de

## 1 | INTRODUÇÃO

*Sou negro  
meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh`alma recebeu o batismo dos tambores  
atabaques, gongôs e agogôs  
Contaram-me que meus avós  
vieram de Loanda  
como mercadoria de baixo preço  
plantaram cana pro senhor de engenho novo  
e fundaram o primeiro Maracatu  
Depois meu avô brigou como um danado  
nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
Na capoeira ou na faca  
escreveu não leu  
o pau comeu  
Não foi um pai João  
humilde e manso  
Mesmo vovó  
não foi de brincadeira  
Na guerra dos Malês  
ela se destacou  
Na minh`alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio=  
e o desejo de libertação  
(TRINDADE, 1981)*

Em 1961, Solano Trindade, militante negro pernambucano, mencionava o que aprendeu através da oralidade sobre os seus (nossos) ancestrais, elementos que ficaram redigidos no acervo da sua memória, e também pontua seus anseios. No tempo presente, além da memória, há muitas pesquisas de historiadores que evidenciam o tráfico, os saberes, as práticas culturais de homens e de mulheres, negros e/ou negras afro-atlânticos que foram trazidos para a América. Bem como o incentivo para a leitura dos escritos de homens e mulheres negros por contribuírem com a luta antirracista que inclui a educação. O Solano Trindade está entre esses autores. No entanto, o desejo de libertação expresso no poema ainda perdura em muitos homens e mulheres negros e é visível através das lutas do movimento negro bem como de professores militantes e/ou comprometidos com uma educação antirracista. Florestan Fernandes (1989), em *o Significado do protesto negro*, aponta que no pós-abolição os/as negros/negras perceberam que teriam lutar pela segunda abolição, continuando o projeto de José do Patrocínio dentre outros para que os negros passassem a ser inseridos na sociedade, tendo acesso à educação e bons empregos. Petronilha Silva e Luiz Alberto Gonçalves (2000, p.149), apontam que o movimento negro desde os anos 30 da centúria passada luta por educação para a população negra e essa

disputa se acentuou pós anos 80 em virtude da fundação do Movimento Negro Unificado em 1978 que possui um caráter nacional.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo apontar algumas epistemologias, experiências compartilhadas no simpósio temático intitulado: O ensino de História da África e de Cultura Afro-brasileira nos diversos espaços educacionais: Discursos, Possibilidades e Desafios que ocorreu no V SINTEPE (Simpósio de integração de ensino, pesquisa e extensão)<sup>1</sup> ressaltamos que o evento ocorreu em 2020, de modo virtual, usando a plataforma *teams*, em decorrência da pandemia do covid-19. O texto está dividido em duas partes, na primeira faremos alguns apontamentos teóricos sobre a temática e em seguida comentaremos algumas pesquisas que foram tratadas através de exposições de professoras e professores e de alunas e alunos de licenciatura em História, majoritariamente dos Campi XIII e XVIII.

## **2 | TECENDO ALGUNS FIOS COM AUTORES (AS) ANTIRRACISTAS: O ENSINO DE ÁFRICA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Caminhar com os conhecimentos Africanos e Afro-brasileiros dentro das salas de aulas, faz parte de uma prática antirracista. Em que a geração de profissionais formados no período que as legislações étnicas e raciais passaram a vigorar, tiveram um maior acesso a materiais que permitem a efetivação da lei 10.639/03, a lei supra, inseri o art. 26-A na Lei de Diretrizes e bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), determinando o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos bancos escolares públicos e privados. Com isso, formações continuadas se tornam necessárias para que professores formados em todos os períodos tenham acesso a discussões e recursos didáticos que permitem a implementação da lei citada.

Infelizmente, ainda existe uma grande dificuldade por parte de alguns docentes em relação às questões étnicas e raciais, silenciando e ocultando-as, e não fazendo parte de alguns currículos escolares baianos. Para Nilma Lino Gomes, (2012, p.105) “o silêncio nas escolas sobre os temas referentes às populações negras é uma característica do racismo. Calar sobre o que sabe também é um modo de ser racista”.

À medida que o Brasil democratiza o ensino, personagens que são tidos como desprovidos de saberes são inseridos na educação. E para dialogar com essas pessoas se faz necessário inserir história da cultura afro-brasileira e História da África, e isso só é conseguido através de uma descolonização do currículo. E discutirmos sobre direitos e privilégios nas escolas, bem como sobre os currículos, é necessário a inserção de outras epistemologias. (GOMES, 2012)

Devemos nos questionar por que em grande medida os nossos currículos e livros didáticos são tomados por conteúdos eurocentrados, quando avaliamos os conteúdos referentes à história do Brasil, percebemos como o livro é tomado por temáticas da

<sup>1</sup> <https://sintepuneb18.wixsite.com/sintep18/organiza%C3%A7%C3%A3o>

historiografia sudestina e branca. Conteúdos que não mostram as periferias e os seus habitantes, majoritariamente uma população negra. O ensino da história e cultura dos negros no Brasil, segundo Munanga (2010. p.21) “(...) possibilita a formação de identidades, bem como a luta contra os preconceitos raciais e o reconhecimento das diferenças”. Um leque de possibilidade está surgindo, contestando e ocupando os seus lugares dentro dos currículos dos espaços escolares. Neste fluxo de ferramentas pedagógicas as temáticas étnicas e raciais, proporciona uma riqueza de conhecimentos de debates e fontes de saberes.

Hector Guerra Hernandez (2016) mostra que mesmo com mais de dez anos de publicação da lei 10639/03 há dificuldades de implantar o ensino de história da África, sobretudo no currículo, e essa dificuldade ocorre em grande parte por uma falta de autonomia epistêmica. Para um efetivo ensino de história da África, o autor pontua que deve inicialmente desconstruir a universalidade europeia, e com isso pensar outras temporalidades, incluindo a africana, desvelar que civilização e modernidade são ficções teleológicas que foram incorporadas pelos europeus há muito tempo, e por isso o papel dos europeus seria o de ensinar aos demais povos essas características. Outro ponto é desviar do estadocentrismo. Para ele se faz necessário recusar a pensar o Estado como única maneira de administrar racionalmente. Deve se pensar os saberes populares como poderes de margem o que esses poderes produziram e produzem e como essas margens se constroem.

Essas informações forçam uma multidisciplinaridade e estudos comparativos, bem como necessita de um diálogo com a filosofia e se faz necessário compreender a colonização.

Para Hernandez (2016) é preciso pensar um currículo que se respeita a história da África, para além do enquadramento curricular, segundo ele, o paradigma democrático é decolonial. Inserir História da África é a possibilidade de incluir sujeitos negros na história, o que pode provocar que outros sujeitos também sejam mais incorporados, como os indígenas.

Ainda sobre História da África, Zamparoni em 1995 publica um artigo que mostra as aproximações e distanciamentos que o Brasil teve com o continente africano ao longo dos séculos. Mostra como as últimas décadas foram marcadas por um processo de aproximação acadêmica, perceptível através do Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO), ou ainda o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). Ele conclui afirmando que esse distanciamento do Brasil das culturas africanas não é inocente e é em decorrência de uma cultura hegemônica que marginaliza os saberes dos povos colonizados. O autor conclui o artigo descrevendo os desafios, os historiadores devem descrever a história da África distante de uma salvação, ou de um elo perdido, mas como uma experiência que somos descendentes. (ZAMPARONI, 1985)

As pesquisas e o ensino sobre africanidades contribuem para uma educação

antirracista. Petronilha Silva (2015) defende a existência desse ensino em decorrência de todos os brasileiros terem o direito de conhecer informações que valorizem as suas inúmeras identidades como as de: gênero, classe, etária, étnico cultural e orientação sexual. Assim, ensinar e pesquisar maneiras distintas de resolver problemas, ou ainda aprendermos diferentes maneiras de ser, bem como respeitar essa variedade é contribuir para um repensar das diversas identidades e a construção da educação antirracista.

Alguns teóricos da educação engajados nas lutas das questões étnicas e raciais apontam como é importante o ensino multicultural, que interessam aos discentes, para isso é importante ter um processo de escuta dos seus desejos e demandas. Uma dessas teóricas, a bell Hooks (2017) no seu livro *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, inspirado nas ideias de Freire, defende a importância de ouvir, de refletir e de teorizar com os estudantes, e pensar sobre nossas práticas pedagógicas. E ela menciona o quanto os professores estadunidenses precisavam “...desaprender o racismo para aprender sobre colonização e descolonização e compreender a necessidade de criar uma experiência democrática...” (Hooks, 2017, 55). Desconfiamos que não somente os professores estadunidenses precisam desse aprendizado, nós professores brasileiros também devemos desaprender esse racismo e só conseguiremos realizar uma educação que inclui a todas(os). Utilizando as palavras de Rubem Alves “Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva”, (ALVES, 2004, p.20) afeto que é edificado na escuta de todos o que inclui as minorias sociais e no experimentar.

Autoras como Hooks (2017) no texto supracitado, Lélia Gonzalez (2020) e Beatriz Nascimento (2006) com seus escritos e trajetórias de lutas antirracistas, tem inspirado dissertações e teses que tem como propósito pensar práticas pedagógicas antirracistas. Gonzalez (2020), em seu conhecido artigo denominado *racismo e sexismo*, defende que o racismo provoca uma neurose brasileira, o racismo associado ao sexismo possibilita diversas violências para as mulheres negras, construindo alguns personagens em torno da mulher negra como a mulata, a mãe preta e a doméstica e sobre todas essas pesam estereótipos e violências. Esses estereótipos de fazem presente no trato com alunas, profissionais da educação e mães de alunas. Sobre os trabalhos que surgem a partir das leituras citadas, citamos como exemplo a dissertação de Carla Moura (2018), intitulada: *As Maria da Conceição*, que aponta uma experiência antirracista no ensino de história em Porto Alegre, utilizando várias ferramentas. Dentre elas fontes históricas, leituras de textos do feminismo negro, entrevistas aos mais velhos que residem no Morro, dentre outras. A autora percebeu como os discentes passaram a conhecer a história da sua localidade, atribuindo importância e contribuindo para um ensino de história antirracista e assim superando os personagens anteriormente citados.

### 3 | AS EXPOSIÇÕES DAS COMUNICAÇÕES: ALGUMAS ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO ESCOLAR

O Simpósio **O ensino de História da África e de Cultura Afro-brasileira nos diversos espaços educacionais: Discursos, Possibilidades e Desafios**, recebeu oito propostas de comunicação que versaram em torno do mesmo eixo: transpor barreiras e tornar efetivo o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira em sala de aula. Foi possível perceber, ao longo das exposições, um compromisso em romper com o discurso de uma história eurocentrada e universalizante, bem como de atentar à necessidade de repensar a escrita e o ensino de história desde a Educação Básica até o Ensino Superior e, ainda, possibilitar o diálogo entre a História e outras artes e tecnologias, a fim de promover uma aproximação maior entre estudantes e professores e, conseqüentemente, a sensação de pertencimento não só ao espaço da escola, mas à própria historiografia.

O diálogo com a tecnologia, aliás, foi o foco da pesquisa apresentada por Reinan Mota Costa<sup>2</sup> No trabalho intitulado *O Ensino de História e as TDIC's: A construção de um site como suporte pedagógico para o ensino de capoeira nas aulas de história*, Reinan Costa reforçou a premissa de que o uso de tecnologias se torna um instrumento significativo e estratégico para o ensino aprendizagem virtual e presencial na contemporaneidade. A internet e suas plataformas como sites, blogs e redes sociais e revistas eletrônicas, tornam-se importantes redes de confecções de conhecimentos, de divulgação e de acesso, seja para os saberes acadêmicos e/ou populares. Conforme descreve Souza,

[...] a Internet se constitui como um poderoso recurso de informação e comunicação, que vem transformando o modo de vida e as relações humanas em todas as suas dimensões: política, social, econômica, inclusive educacional. (SOUZA,2013. p. 12)

O acesso a sites, por professores e alunos durante as aulas, proporciona a conexão com bibliotecas culturais e virtuais de saberes, sejam regionais ou mundiais, o que proporciona um universo de conhecimentos, opiniões e ideias, sendo construídos e dialogando no dia-dia da sala de aula com temáticas diversas e fundamentais, como o ensino dos conhecimentos sobre os povos africanos e afro-brasileiros.

Segundo Reinan Costa, o site “Em Rodas de Vadios”, foi idealizado com a intenção de:

[...] possibilitar ao professor de História trabalhar nas suas aulas a historização da capoeira, as suas principais figuras — mestres e praticantes desta brincadeira ou luta, ou ainda prática cultural — e a importância para história baiana, além de estimulá-lo para a criação de atividades significativas através das fontes disponíveis. Estimulando assim uma inserção desses conteúdos

---

2 Graduado em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2020), Departamento de Ciências Humanas Tecnologias Campus XVIII, Eunápolis - BA. Com dissertação intitulada: Em Rodas de Vadios: A construção de site como forma de suporte pedagógico para o ensino da Capoeira nas aulas de história. Tem como área de pesquisa o Ensino de História e o uso de Novas Tecnologias como ferramentas de suporte Didático/Pedagógico para o ensino de conteúdos voltados para temáticas Afro-Brasileiras nas aulas de História. Tem experiência nas áreas de Cinema Negro, Pós-abolição, Ensino de História e TIC's (Tecnologia de Informação e Comunicação).

que possibilitam contribuir com a representatividade dos afro-brasileiros no ensino de história, bem como debater sobre as diversas representações dos capoeiristas através das imagens, fotografias e filmes. (COSTA, 2020, p. 7).

O acesso ao site permite, para além da disponibilização de informações sobre a arte da capoeiragem, conhecer parte da História da Bahia a partir de outra ótica. Ao historicizar a capoeira e visibilizar a trajetória de sujeitos vinculados e vinculadas à prática da capoeira, um campo de representatividade é aberto, o que possibilita, inclusive, a sensação de pertencimento de estudantes e professores no espaço escolar, entendendo-se como sujeitos ativos no processo de construção histórica.

O protagonismo negro nas lutas de resistência e a importância da capoeira como elemento de afirmação de identidades e símbolo da conquista da liberdade, decerto se fazem presentes quando o acesso às fontes disponibilizadas no site é realizado. Os filmes, as imagens, as fotografias, por exemplo, ali presentes possibilitam não só um acervo de elementos que favorecem a prática pedagógica em sala de aula, como permitem a elaboração de pesquisas e atividades diversas acerca de todo o contexto histórico que envolve a prática da capoeira.

As pesquisas apresentadas no Simpósio mostraram um leque de possibilidades relacionadas às metodologias, fontes e estratégias para o ensino da História e das Culturas Africanas e Afro-brasileiras em sala de aula, contribuindo, por exemplo, para o rompimento de estereótipos acerca de conteúdos que se entrelaçam nesse. O ensino acerca das religiões de matriz africana, por exemplo, ainda constitui uma das temáticas mais difíceis de acessar, principalmente devido à grande influência negativa exercida pela ótica cristã eurocentrada que forjou, historicamente, narrativas equivocadas acerca das religiões africanas. Na contramão desse discurso e visando uma prática democrática do ensino, Juliana Sales Rodrigues e Lavínia Alves Oliveira,<sup>3</sup> (RODRIGUES e OLIVEIRA, 2020, p 3) demonstraram, por meio da elaboração de uma História em Quadrinhos denominado, “como os mitos afro-brasileiros contribuem para a produção e a perpetuação dos saberes do povo negro”

Elaborada como recurso didático direcionado às turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, a HQ *Iemanjá: a Rainha das Águas* foi construída com o intuito de “dialogar, e contextualizar o ensino da cultura afro-brasileira no espaço escolar, principalmente nas aulas de História, com destaque aos mitos do panteão afro-brasileiro” (RODRIGUES e OLIVEIRA, 2020, p 3). Religiosidade, saberes ancestrais, mulheres negras e resistência são temas possíveis de serem trabalhados a partir da HQ, que traz personagens negras e negros, numa tentativa, inclusive, de permitir que estudantes negras e negros se identifiquem visualmente com as personagens da narrativa. (Figura 1)

---

3 Graduated in Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII.



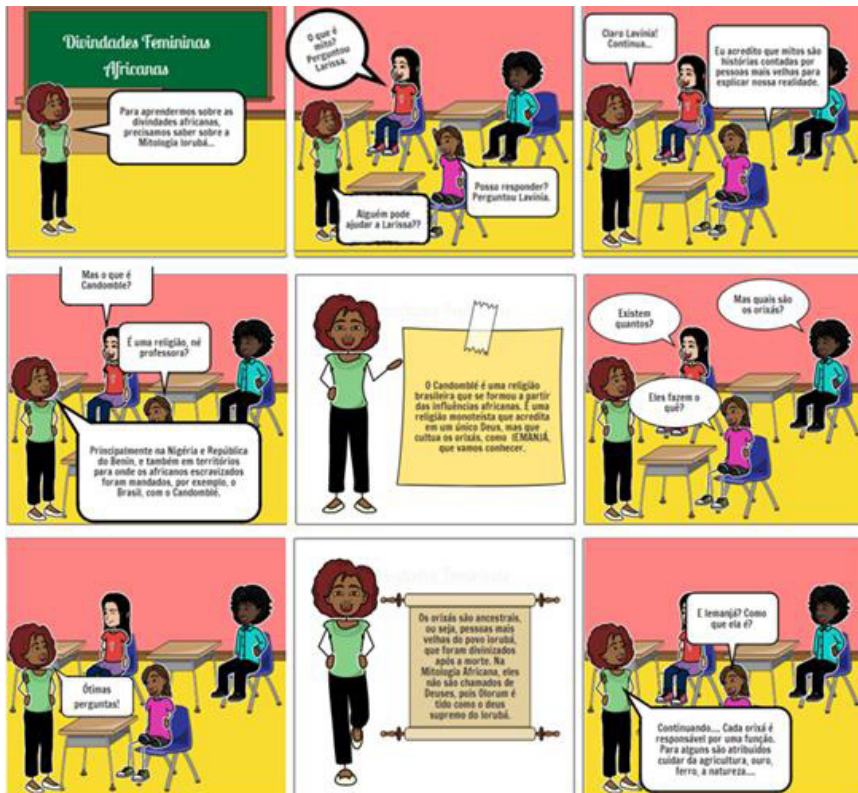


Figura 1 - Trecho da HQ *Iemanjá: a Rainha das Águas* (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2019)

Convém ressaltar que o candomblé é uma religião afro-brasileira, e não africana. E os candomblés são diversos, há de Angola, os Jeje, além dos yorubas que são os que o quadrinho se refere. O candomblé Yorubá, ou Jeje-nagô congregou no Brasil ritos e cultos de diversas vilas e aldeias iorubanas, e aqui outros foram (re)criados. (PRANDI, 2001) Parés (2006) pontua como os jejes foram importantes na constituição do candomblé na Bahia. No entanto, mesmo com esse pequeno equívoco, a proposta atrai o interesse dos estudantes e retoma o uso do lúdico como proposta do ensino, como define Marta Silva e David Severo:

[...] a proposta da inserção de HQs na sala de aula de História é vista como instrumento pedagógico capaz de mediar o processo de aprendizagem do aluno. As HQs possuem uma linguagem fascinante ao agregar o texto escrito e a imagem, ao tempo em que possibilita ao aluno a produção de conhecimento desenvolvendo sua criatividade e o poder de síntese, possibilitando-o apresentar releitura, uma visão satírica, contestadora e crítica dos fatos abordados. (SILVA E SEVERO, 2015, p.2)

Além dos quadrinhos, outro recurso literário mencionado nas pesquisas apresentadas



e que têm sido largamente utilizados não só como recurso pedagógico em sala de aula, mas como fonte de pesquisas históricas foi à narrativa romanesca. A relação entre a História e algumas ficções é algo que sempre encontra na pesquisa histórica um ambiente fecundo. Os trabalhos de Aline Fernandes Gama <sup>4</sup>e José Jorge Melo ratificam essa premissa.

Aline Gama, ao analisar o conto *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis, trouxe à tona um debate sobre precarização da liberdade nos períodos de emancipação da mão de obra escravizada no Brasil, escrita feminina no século XIX e narrativas acerca da maternidade da mulher escravizada. Além disso, apontou para a necessidade de questionar a invisibilização que recaiu sobre sujeitos negros, em especial, sobre mulheres negras escritoras no século XIX, como Maria Firmina dos Reis.

Maria Leopoldino (2015) defende que o emprego da literatura no ensino de história demanda informação sobre o texto literário selecionado como também da historiografia que colabora para a edificação de identidades individuais e coletivas, bem como para um melhor exame das fontes e do ensino de história.

Conceição Evaristo (2009) defende a existência de uma literatura afro-brasileira. Dessa forma, a experiência de homens e mulheres negros contribui para que percebamos uma maneira peculiar de produzir a literatura com marcas ideológicas e estéticas desses negros. Há divergências do ponto de vista defendido por Evaristo, para alguns a literatura é universal. No entanto, a autora aponta Úrsula de Maria Firmina dos Reis como um dos primeiros textos, cuja autoria denuncia a vida dos negros, fazendo parte da literatura afro-brasileira. Dessa forma, esses textos, da literatura afro-brasileira, contribuem para percebermos os lugares, angústias desses homens e mulheres negros. A medida que damos visibilidade a esses textos e discutimos os mesmos, possivelmente se contribui para um ensino de história antirracista.

José Jorge de Melo Neto <sup>5</sup>mostra como o romance *Geração da Utopia* de Pepetela pode contribuir para o ensino de história da África, sobretudo de História de Angola no período da independência. Como o romance além de fonte histórica, pode ser um excelente suporte pedagógico. Através dos personagens do romance, o autor da comunicação, apresenta a formação de alguns líderes do processo de independência, suas influências teóricas, as estratégias, as contradições e algumas frustrações no período pós independência, enfatizando as incoerências de alguns religiosos cristãos nesse processo.

Ainda sobre religiões cristãs e o continente africano, Laila Xavier <sup>6</sup>busca perceber como as missões assembleianas em Moçambique e os conflitos no processo de conversão podem trazer informações preciosas para o ensino de história da África, sobretudo de Moçambique. A autora propõe o uso das matérias jornalísticas produzidas pelos missionários

---

4 Graduanda no Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus XIII).

5 Possui graduação em Bacharel em Teologia - Seminário Presbiteriano do Norte (2003) e pela Faculdade Unidade de Vitória (2013). Cursa Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Teologia, História e estudo da História da África e do Protestantismo, História das Religiões.

6 Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII – Eunápolis.

e publicadas nos jornais da Igreja na sala de aula.

As cartas ou matérias publicadas nos jornais dentre outros são fontes históricas que muitas vezes constroem estereótipos preconceituosos sobre o continente e a sua população. Os missionários descrevem o outro, o africano, o moçambicano usando os seus filtros culturais e assim constroem as representações. E uma parcela da população brasileira tem acesso a essas fontes e não interrogam esses dados, se apropriando desses estereótipos e em alguns casos contribuindo para realimentar outros já existentes. Anderson Oliva mostra que esses estereótipos sobre o continente africano remontam a Antiguidade e que alguns deles retroalimentam representações em períodos posteriores. (OLIVA, 2010) Essas representações possivelmente atingem as religiões de matriz africana no Brasil que também são vistas de maneira estereotipada por algumas igrejas cristãs, contribuindo para uma perpetuação de práticas racistas e discriminatórias. Dessa forma, analisar os discursos dessas matérias em sala de aula, bem como discutir sobre as missões protestantes em África pode contribuir para desconstruir imagens negativas do continente africano.

Outro trabalho apresentado no simpósio versava sobre alguns libertos da Vila de Canavieiras. O conhecimento acerca das trajetórias de homens e mulheres negras no período escravista permite a compreensão da sua agência e autonomia. É visando esta abordagem que Wemis Pires<sup>7</sup> propõe o conhecimento das trajetórias de homens e mulheres escravizadas e ao apresentar recortes da vida de duas escravizadas e um escravizado que viveram na Vila de Canavieiras, na Bahia Oitocentista - Luiza, Belmira e Benedito, respectivamente - é possível entender o modo como se desenrolaram relações sociais e articulações para a conquista da liberdade na segunda metade do XIX, particularmente nos anos posteriores à promulgação da Lei 2.040/1871.

Conforme aponta Alexandra Silva, o ensino de história através das autobiografias de homens e mulheres escravizados coloca essas pessoas como protagonistas e possibilita para a compreensão das suas lutas. (SILVA, 2018) Ela cita algumas autobiografias escritas em inglês como a de Baquaqua<sup>8</sup>, uma de um cubano, o Juan Francisco Mazano<sup>9</sup> cuja

---

7 Graduando do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado da Bahia (Campus-Eunápolis). Bolsista de Iniciação Científica (2018-2020) - Afirmativa da UNEB. Foi voluntário nos projetos de preparação para o processo seletivo do Instituto Federal da Bahia, intitulado Práticas de Letramento e Numeramento para o IFBA - PRALEN-IFBA/Itabela (2018)

8 Mahommah Gardo Baquaqua nasceu em Djougou, na década de 1820, em uma importante família muçulmana da região e, "quando criança, em Djougou, ele frequentou a escola alcorânica, começando muito jovem. Menino ainda, ele foi aprendiz de seu tio na manufatura de agulhas, e também parece ter sido preparado para a vida no comércio" (Lovejoy, 2002, p. 17). Baquaqua foi trazido ao Brasil em 1845, falava várias línguas e escrevia em árabe e ajami. Na condição de escravizado, aprendeu ainda português, alguma coisa de francês, além do contato com o espanhol. Também aprendeu inglês. Baquaqua resistiu à escravidão por meio do trânsito, da fuga. Parecia ter especial habilidade em mover-se nas diferentes culturas. Vê em: LOVEJOY, Paul. "Identidade e a miragem da etnicidade: A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. Salvador." In: **Afro-Ásia**, 2002, n.27, pp9-39

9 Juan Francisco Manzano é bem conhecido entre os estudiosos do escravismo das Américas, embora pouco mencionado no Brasil. Trata-se de um personagem fundamental por oferecer uma visão interna da escravidão no período do *boom* de engenhos açucareiros de mão de obra cativa em Cuba, com riqueza de detalhes. Do ponto de vista do escravizado, e sem ocultar os horrores característicos de um sistema econômico baseado na violência da apropriação, exploração e degradação de vidas humanas e, mais especificamente, de africanos e seus descendentes. Manzano também era um poeta. Ver em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11632/10710>.

trajetória tem algumas semelhanças com a trajetória de inúmeros escravizados no Brasil. A autora também aponta biografias de mulheres a exemplo de Harriet Jacobs<sup>10</sup> que foi escravizada nos Estados Unidos e de algumas mulheres que habitaram as terras brasileiras e que deixaram registros com suas falas e desejos. Uma preocupação constante dessas mulheres era a preocupação com os filhos, sobretudo as do sexo feminino em virtude do ventre transmitir a condição de escravizado.

A autora se refere a autobiografias, mas alguns dos elementos citados podem ser apropriados para as biografias. Nós acrescentaríamos que as biografias como as trabalhadas por Wemis Pires podem contribuir para analisarmos e discutirmos no ensino as estratégias, alianças possíveis de serem construídas dentre outros por esses indivíduos. Ressaltamos que os testamentos constituem de certa forma em uma autobiografia. E com a ausência ou pouco espaço dos escravizados no livro didático, que o trabalho com as biografias, supramencionado consiste em uma importante estratégia de ensino, pois permitem percebermos limites, estratégias e negociações dos escravizados.

Por fim, Flávia Cristina Costa Vieira, Idaiane Conceição de Freitas e Sura Souza<sup>11</sup> analisam as experiências pedagógicas realizadas pela Secretaria de Educação e pela Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade (SEPROMI) na comunidade quilombola de Tocos II localizada na cidade de Governador Mangabeira-Bahia como propósito de contribuir para a promoção da igualdade racial a partir de atividades que ocorreram na Escola com a participação de toda a comunidade escolar no interstício de 2012 a 2016.

As autoras evidenciam que algumas mudanças no tocante a implementação da lei 10639/03 no município ocorreram após a eleição de uma prefeita negra. Algumas ações envolveram toda a cidade, tais como a formação dos professores em história da África, bem como a aquisição de livros e no interior da escola na Comunidade Quilombola citada foi realizado o projeto para debater sobre o *Bullying* de caráter racial. As autoras concluíram sua apresentação mostrando que esses projetos foram importantes no processo de identificação dos alunos.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas apresentadas mostram uma série de iniciativas criativas e exitosas para a implementação da Lei 10639/03. Os suportes pedagógicos apresentados foram inúmeros, dentre eles HQ's, sites, uso de fontes históricas dentre elas romances e jornais. O que evidencia a variedade de recursos pedagógicos possíveis para a implantação da lei e alguns deles de fácil acesso. No entanto, apenas um trabalho se preocupou com o

---

10 - Escravizada estadunidense que viveu durante o século XIX e escreveu uma autobiografia intitulada *Incidentes na vida de uma escrava*, nessa biografia ela narra suas desventuras e as estratégias utilizadas para não ser abusada sexualmente pelo seu senhor. Ela também teve relação com o movimento abolicionista antes da Guerra civil. In: JACOBS, Harriet. *Incidents in the Life of a Slave Girl*. In: <https://docsouth.unc.edu/fpn/jacobs/jacobs.html> acessado dia 20 de julho de 2021.

11 Mestranda Museologia e Patrimônio UNIRIO; Graduanda Pedagogia UNINTA; Docente Dpto de Museologia UFS.

processo de aprendizagem, as demais escritas diferenciaram e se preocuparam com a construção de suportes pedagógicos ou uma reflexão sobre os mesmos. Os diálogos e as escritas teceram um leque variado amparado em diversas áreas, mas no simpósio os trabalhos realizados por discentes e professores de história foram majoritários. Percebe-se também que as Universidades têm desenvolvido ações para a implementação da citada lei, seja na formação dos estudantes, através de projetos de pesquisa, ou ainda em ações nos componentes a exemplo de estágio. As universidades também têm possibilitado uma formação continuada em relação às questões étnicas e raciais, em seus programas de pós-graduação para docentes da educação básica, a exemplo do mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia que tem contribuído com a formação dos professores dos Sul e do Extremo Sul da Bahia. Ou ainda o mestrado em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, ou o mestrado profissional de História que ocorre em rede no Brasil e também têm sede na Universidade do Estado da Bahia, além dos mestrados acadêmicos.

Talvez o desejo de libertação defendido por Solano Trindade no seu poema que começamos este texto ainda esteja distante, mas podemos perceber um número maior de professores engajados e que defendem uma educação antirracista e assim são solidários a esse desejo de libertação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. - Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

CARMO, Sura Souza. FREITAS, Idaiane Conceição de. VIEIRA, Flávia Cristina Costa. **Aprender na escola, aplicar na vida**: educação étnico-racial e práticas antirracistas na comunidade quilombola Tocos II (Recôncavo, BA). V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.

COSTA, Reinan Mota. **O Ensino de História e as TDIC's**: A construção de um site como suporte pedagógico para o ensino de capoeira nas aulas de história. V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.

EVARISTO, Conceição. "Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade". **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. pp.17-31.

FERNADES, Florestan. "Adorno formulou a mais abrangente, a mais estimulante e a mais frustrante reflexão sobre a música neste século". In: <http://almanaque.folha.uol.com.br/folhetim6.htm> acessado dia 13 de março de 2021.

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. SP: Cortez, 1989

GAMA, Aline Fernandes. GONÇALVES, Aline Najara da Silva. **Maria Firmina dos Reis**: Pensamentos de Liberdade. V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.

GOMES, Nilma Lino. "RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, Educação e descolonização dos currículos". In: **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.pp.98-109.

GONÇALVES, L.A.O.; SILVA, P.B.G. "Movimento negro e educação". **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 15, p. 134-158, set.-dez. 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinado a transgredir**: a educação como prática de liberdade. SP: Martins Fontes, 2013.

JACOBS, Harriet. *Incidents in the Life of a Slave Girl*. In: <https://docsouth.unc.edu/fpn/jacobs/jacobs.html> acessado dia 20 de julho de 2021.

LEOPOLDINO, Maria Aparecida. **A leitura de textos literários no ensino de história escolar**: entrelaçando percursos metodológicos para o trato com os conceitos de *tempo e espaço*, In: Revista História Hoje, v. 4, n° 8, 2015, p. 130-151.

Hernandez, Hector Guerra. "Afimial, África é patrimônio de quem? Descolonizar o conhecimento como proposta curricular". In: **Nossa África, ensino e Pesquisa**. Organizadores Simoni Mendes de Paula e Sílvio Marcus de Souza Correa. – São Leopoldo: Oikos, 2016. pp. 31-41.

LOVEJOY, Paul. Identidade e a miragem da etnicidade: A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. Salvador: **Afro-Ásia**, 2002, n.27.pp. 9-39.

MOURA, Carla de. **As Marias da Conceição**: Por um ensino de história situado, decolonial e interseccional. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

MUNANGA, Kabengele. "Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?" **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Reflexos da África**: ideias e representações sobre os africanos no imaginário ocidental, estudos de caso no Brasil e em Portugal. Editora da PUC Goiás, 2010.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flavia e LIMA, Márcia. Org. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PARÉS, Nicolau. **A formação do Candomblé**: História e ritual da nação jeje na Bahia. São Paulo: UNICAMP, 2006.

PRANDI, Reginaldo. "O CANDOMBLÉ E O TEMPO": Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. In: **RBCS** Vol. 16 n° 47 outubro/2001. pp.43-58

RODRIGUES, Juliana Sales. OLIVEIRA Lavínia Alves. **A rainha das águas**: Um relato de experiência sobre a criação de uma História em Quadrinho para o ensino escolar sobre a religiosidade africana. V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.

SANTOS, Joceneide Cunha dos. NETO, José Jorge de Melo. **A Geração da Utopia numa Perspectiva Histórico/Religiosa e Pedagógica e seu uso como instrumento de uma educação antirracista.** V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.

SANTOS, Joceneide Cunha dos Santos. SANTOS, Wemis Pires. **Uso de trajetória de mulheres e homens escravizados como instrumento pedagógico no ensino de história.** V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.

SEVERO, Marta F. da e SEVERO, David Ferreira. “As HQ’s como ferramenta pedagógica em sala de aula. v. 4 n. 1 (2015)” In:: Revista, <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/incelencias/article/view/289>. **Incêlências Revista da PROG- Proreitoria de Pesquisa e Pós-graduação** - Centro Universitário CESMAC. 2015.

SILVA, Alexandra Lima. “Folhas de Ébano: (auto) biografias de escravizados e ensino de história”. In: **Revista História Hoje**, V.7, n.14, pp.263-284, 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. “Aprendizagem e ensino das africanidades Brasileiras”. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005. pp.155-172.

SOUZA, Maria Gerlanne de. **O uso da internet como ferramenta pedagógica para os professores do ensino fundamental.** Monografia (graduação) – Universidade Aberta do Brasil, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Curso de Licenciatura Plena em Informática, Tauá, 2013.

TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ZAMPARONI, Valdemir. **Os estudos africanos no Brasil: In: veredas**. Rev. Educ. Pública. Cuiabá, v. 4, n. 5, jan./jun. 1995.

XAVIER, Laila. **Missões Assembleianas em Moçambique: Relações e Diálogos entre Missionários e Moçambicanos como possibilidade para sala de aula.** V SINTEPE/ Simpósio de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade do Estado da Bahia -DCHT- *campus XVIII*. 2020.